

A tecnopolítica das multidões inteligentes: uma análise do #25S no Twitter¹

Allan CANCIAN Marquez²

Gabriel Herkenhoff Coelho MOURA³

Fabio MALINI Luiz de Lima⁴

Universidade Federal do Espírito Santo, Espírito Santo, ES

Resumo: O presente artigo tem como objetivo analisar como as novas tecnologias, principalmente em sua integração com o Twitter, tornaram-se um importante instrumento de mobilização política e atuação coletiva nos protestos realizados na Espanha. No caso, coletamos cerca de 230 mil *retweets* e menções sobre as manifestações do dia 25 de setembro de 2012, conhecido por #25S nas redes sociais. Com isso, pudemos traçar uma cartografia da rede que se formou durante o evento, refletir sobre os papéis assumidos pelos sujeitos que a compunham e entender como se dava o fluxo informacional entre um perfil e outro. A partir disso, podemos entender um pouco da dinâmica tecnopolítica das multidões inteligentes.

Palavras-chave: tecnopolítica, multidões inteligentes, manifestações sociais, #25S, cibercultura.

1. A emergência dos movimentos tecnopolíticos

Neste início de século XXI diversos movimentos políticos vêm se apropriando das novas tecnologias de informação e comunicação (TICs) de maneira inovadora e tornando possíveis formas de articulação, mobilização e ação até então nunca experimentadas. O crescimento do acesso aos dispositivos móveis e a disseminação do uso das redes sociais contribuíram para esse quadro, na medida em que passaram a servir de instrumento para essas lutas.

Esse emergente paradigma comunicacional gerou uma nova tônica de produção e difusão de informação e forneceu condições para a participação dos indivíduos em um processo de conversação e criação de outros ambientes de relacionamento, marcados pela lógica da colaboração. Assim, potencializaram-se por meio dessas redes novas formas de “organização e de expressão da inteligência comum” (Lazzarato, 2006).

Especialmente nos últimos cinco anos, o aproveitamento dessa inteligência, que Pierre Levy (1998) chama de “inteligência coletiva”, tem se mostrado nos protestos contra o sistema financeiro global, as grandes corporações e os governos responsáveis pela grave crise na qual os EUA e a Europa,

¹ Trabalho apresentado no II 5 – Rádio, TV e Internet do XVIII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sudeste, realizado de 3 a 5 de julho de 2013.

² Estudante de Graduação do 8º período em Comunicação Social – habilitação em Jornalismo da Ufes. Email: allancancian@gmail.com

³ Estudante de Graduação do 4º período em Filosofia da Ufes. Email: gabriel.herkenhoff@gmail.com

⁴ Orientador do trabalho. Professor do Curso de Comunicação Social da Ufes. Email: fabiomalini@gmail.com

principalmente, estão mergulhados desde 2008. Os movimentos *#occupy*, que tomaram ruas e praças de diversos países do globo, fizeram da internet e das redes sociais, em particular, um importante espaço de organização de suas lutas tecnopolíticas⁵.

Essa multiplicidade de sujeitos que integram esses movimentos, atuam, a partir da colaboração, como um enxame e ocupam as redes e as ruas – promovendo a convergência entre ambas. Segundo Antoun e Malini (2012), dessa forma, eles “identificam-se como sujeitos unidos ao acontecimento, atores de sua atualização” (p.8). Nesse sentido, a cooperação entre essas singularidades é não só o que possibilita o movimento, como é o que constitui a inovação dos mesmos.

O presente trabalho se insere neste contexto pelo menos de duas maneiras: está relacionado aos protestos que vêm se intensificando desde 2011, na Espanha, com a *#SpanishRevolution*; e tem uma preocupação especial em relação ao uso das tecnologias e, em especial, das redes sociais por esses sujeitos. Para pensarmos a inserção das redes sociais no movimento espanhol, analisaremos os desdobramentos da manifestação então conhecida como “Rodea el Congreso” nas redes. Mais especificamente, nosso objetivo é fazer uma cartografia dos sujeitos que participaram dessas manifestações pelo Twitter, a partir da hashtag *#25S* – a grande marca do movimento na internet.

2. Metodologia

A metodologia aplicada para a realização deste artigo divide-se em quatro etapas distintas e complementares. Em um primeiro momento, realizamos uma pesquisa documental com o objetivo de recolher informações sobre o acontecimento, a fim de compreendermos seu contexto e suas particularidades.

Na segunda etapa, pesquisamos a principal *hashtag* utilizada para identificar as mensagens sobre as manifestações e utilizamos um software de *crawler*, tanto para capturar tais mensagens quanto para identificar os indivíduos que as publicavam. Após essa captura das informações disponíveis na rede, utilizamos o método descritivo-exploratório para elaborar uma análise dos dados provenientes da etapa anterior.

Com o objetivo de entender melhor a configuração da rede que se formou por ocasião das manifestações, fizemos uma busca pela *hashtag* *#25S*. O uso dessa tag específica deve-se ao fato de ter sido a mais usada pelos manifestantes no micro blog Twitter durante os protestos, uma vez que, no histórico das manifestações recentes, os espanhóis vinham utilizando o mesmo modelo de tags:

⁵ Por tecnopololítica entendemos a apropriação política das tecnologias, ou seja, o termo não diz respeito ao clickativismo nem ao ciberativismo.

hashtag, dia do protesto, primeira letra do mês do protesto ⁶.

Para podermos capturar os dados, empregamos o programa YourTwrapperKeeper, que nos permitiu coletar aproximadamente 250000 menções e *retweets* sobre o #25M. Após isso, utilizamos o software Gephi⁷ que nos permitiu desenhar um grafo com as informações coletadas e tornou possível descobrir como a rede se comportava. Ou seja, como eram dispostas no grafo as pessoas que participaram das manifestações utilizando a *hashtag*, qual a participação das mesmas e o que elas compartilhavam em seus perfis.

Por último, realizamos uma pesquisa bibliográfica para tentar compreender nosso caso específico dentro de um espectro filosófico e político mais amplo e responder as questões trazidas por ele para a área da comunicação e, mais especificamente, da cibercultura. Nesse sentido, ao longo do artigo, trabalharemos com autores que nos ajudarão nesta reflexão, tais como: Albert Lazlo Barabási, Clay Shirik, Michel Bawens, Pierre Levy, Antonio Negri e Maurizio Lazzarato.

3. Os antecedentes do #25S: um relato sobre a #SpanishRevolution

Antes de discutirmos propriamente os desdobramentos do #25S no Twitter é importante ressaltarmos alguns fatores que podem ajudar a revelar o porquê da força dos protestos na Espanha. Por um lado, a grave crise econômica vivida pelo país, além de levar a cortes nos investimentos públicos, já levou cerca de 25% dos espanhóis ao desemprego⁸. Por outro, as relações obscuras entre os sistemas político e financeiro e as acusações de corrupção em ambos têm aumentado a desconfiança e o descontentamento dos espanhóis. Para se ter uma ideia, em pesquisa realizada pelo El País, 80% dos entrevistados afirmaram que o Congresso não os representa⁹.

Outro fator importante está relacionado ao acesso às novas tecnologias e à internet na Espanha. De acordo com dados da International Telecommunication Union (ITU) e da Nielsen On-line, compilados pela Internet World Stats¹⁰ em 2012, quase 70% dos espanhóis estão conectados à internet. Além disso, desde de 2006, existem mais celulares do que habitantes no país, segundo dados do Observatorio Nacional de las Telecomunicaciones e de la SI¹¹, órgão ligado ao Ministério de Industria, Energia e Turismo espanhol.

⁶ O uso dessa fórmula é comum para marcar datas de manifestações importantes na Espanha, os movimentos antifranquistas já a utilizavam – sem hashtag, obviamente.

⁷ O Gephi é um programa *open source* de análise de dados e criação de visualizações específicas de grafos, mostrando as informações e estatísticas provenientes dos mesmos.

⁸ Entre os jovens esse índice já atingiu quase 50%.

⁹ Outros dados interessantes: 85% dos entrevistados não acreditam que o Congresso realize seu trabalho honestamente e 84% não acreditam que os banqueiros realizem seus trabalhos honestamente. A pesquisa pode ser lida na íntegra em <http://blogs.elpais.com/metroscopia/2013/02/no-nos-representan.html> (Acessado em 09 de maio de 2013)

¹⁰ Disponível em <http://www.internetworldstats.com/> (Acessado em 07 de maio de 2013)

¹¹ Disponível em <http://www.ontsi.red.es/ontsi/> (Acessado em 07 de maio de 2013)

Apesar de não serem conclusivos, esses números revelam uma parte do grande contexto no qual se dão, desde 2011, inúmeras manifestações na Espanha. Uma das mais marcantes delas, realizada em 15 de maio daquele ano, ficou conhecida mundialmente como #SpanishRevolution, #15M ou movimento dos “indignados”.

Tendo como pano de fundo o descontentamento em relação à forma como o governo espanhol vinha gerindo a crise financeira, na qual o país estava mergulhado desde 2008, e a aprovação da Lei Sinde¹², milhares de espanhóis tomaram as ruas de quase 80 cidades para reivindicar um novo sistema econômico e político. Como afirma o manifesto da plataforma Democracia Real Ya!¹³ o que essas pessoas queriam era uma “democracia real e participativa”¹⁴.

As manifestações caracterizavam-se por seu caráter apartidário e assindical e por uma organização acentrada¹⁵, inspirada nas manifestações que ficaram conhecidas como “Primavera Árabe”. Como apontamos em trabalhos anteriores, o berço do movimento espanhol foi a internet (CANCIAN & MALINI, 2011), por meio de blogs de grupos organizadores, do Twitter, do Facebook e em diversos outros sites, ativistas e simpatizantes se reuniram em torno da ideia de mudança e da implantação definitiva da democracia.

Assim, pode-se dizer que o #15M foi construído por muitas vozes. Munidos de dispositivos móveis e de seus próprios espaços de expressão e comunicação, o movimento usou a internet não só para difundir informação, mas acima de tudo, para se articular e orientar a ação coletiva.

4. Rodea el Congreso: pequena história do #25S

Em 2012, após a grande manifestação realizada para celebrar o primeiro ano do #15M, os espanhóis começaram a se preparar para novos protestos. Em agosto de 2012, após o presidente do governo Mariano Rajoy anunciar cortes de cerca de U\$65 bilhões, diversos coletivos, organizações, plataformas e assembleias organizaram a Coordinadora25s, com o objetivo de pensar uma grande manifestação, a ser realizada em Madrid, no dia 25 de setembro. Segundo a coordenação, a ideia era “apontar a injusta situação de perda de liberdade e direitos (Saúde, Educação, Serviços Sociais, Emprego e Habitação) e propor um processo que conduza a um novo modelo social baseado na

12 Lei antipirataria, aprovada no dia 15 de fevereiro de 2011, que permite fechar sites de download de conteúdos ilegais protegidos por direitos autorais. Havia um grande desconforto pelo fato de que a lei passou no congresso espanhol graças a uma manobra que envolveu os partidos PP, PSOE, CiU, entre outros.

13 Organização formada por cerca de 200 associações e um dos atores importantes do #15M

14 Disponível em <http://www.democraciarealya.es/manifiesto-comun/> (Acessado em 07 de maio de 2013)

15 Para se ter uma ideia, só em Madrid existem mais de 80 assembleias autônomas distribuídas pelos bairros, quase todas tem seus próprios sites.

soberania popular participativa”¹⁶.

O movimento que a princípio se chamaria “Ocupa el Congreso” foi acusado por políticos espanhóis de ser uma tentativa de golpe e Cristina Cifuentes, delegada do Governo da Espanha, afirmou que iria colocar o corpo policial nas imediações para evitar o “ataque”. Para deixar clara a intenção do protesto, os coordenadores resolveram mudar o nome dele para “Rodea el Congreso”.

Rodearemos el Congreso de los Diputados para rescatarlo de un secuestro que há convertido a esta institución en un órgano superfluo. Un secuestro de la soberanía popular llevado a cabo por la Troika y los mercados financieros y ejecutado con el consentimiento y la colaboración de la mayoría de los partidos políticos¹⁷.

No dia da manifestação, cerca de 27 mil espanhóis, segundo estimativas dos coordenadores¹⁸, fizeram uma passeata pelas ruas do centro de Madri e se estabeleceram do lado de fora do Legislativo, na Praça de Neptuno. O governo municipal de Madri havia autorizado protestos e marchas até às 21h30, entretanto, meia hora antes do prazo oficial findar, o batalhão investiu contra os manifestantes com cassetetes e armas de efeito moral, resultando em 64 feridos e 35 detidos. Diante do fato, os manifestantes que permaneceram na praça realizaram uma assembleia e decidiram convocar dois novos cercos ao Congresso: o primeiro foi marcado para o dia seguinte e o outro para o dia 29.

Os relatos sobre o protesto e sobre a reação policial inundaram as redes sociais. Vídeos de policiais infiltrados na manifestação, de agressões a manifestantes e a jornalistas, além de inúmeras fotos circularam pela rede. Se concordamos com Sodré (2009) quando ele afirma que “muitas reflexões dependem das experiências em primeira mão de outros”, compreendemos como a experiência narrada nas redes pode ter contribuído para que o movimento ganhasse corpo na rua. No dia #29S, diversas cidades europeias fizeram manifestações em solidariedade ao Espanhóis e estima-se que cerca de 60 mil pessoas foram às ruas em Madri.

5. A inteligência coletiva na rede distribuída

O caráter horizontal e a-centrado reivindicado pelo movimento espanhol, e reafirmado com a cria o de núcleos independentes de atua o, encontraram na internet um espaço favorável para se desenvolver. Isso se deve ao fato de que ela foi concebida para permitir a participa o a partir das

16 Tradua o dos autores. Disponível na página colaborativa organizada pelo movimento http://wiki.15m.cc/wiki/Ocupa_el_Congreso (Acessado em 08 de maio de 2013).

17 Trecho do manifesto “La democracia está secuestrada. Desde el 25S vamos a rescatarla”. Disponível no blog Coordinadora25s: <http://coordinadora25s.wordpress.com/> (Acessado em 08 de maio de 2013).

18 Segundo o governo de Madri, 6 mil pessoas participaram da manifesta o.

bordas do sistema¹⁹ (Barabási, 2005; Bawens, 2005), constituindo redes distribuídas *peer to peer*.

Nesse sentido, a internet pode ser vista como um "modelo de rede democrática" (Negri, 2006), uma vez que apresenta as seguintes características: a-centralidade; horizontalidade, ou seja, possibilidade de conexão entre pares no ciberespaço; e equipotencialidade, que seria a não existência, a priori, de uma estrutura hierárquica de entrada (Bawens, p.2). Essa compreensão permite, como fizeram Hardt e Negri (2006), traçar um paralelo entre essa rede e o conceito de rizoma²⁰ de Gilles Deleuze:

A rede democrática é um modelo completamente horizontal e desterritorializado. [...] Um número indeterminado e potencialmente ilimitado de nós interconectados, comunica-se sem ponto central de controle [...]. Este modelo democrático é o que Deleuze e Guattari chamam de rizoma, uma estrutura de rede não-hierárquica e não centralizada. (Negri, 2006, p.320)

Entretanto, até o início deste século, essa potência “democrática” da internet estava, em certa medida, em um plano formal. A especialização necessária nos primeiros anos de internet e a lógica comercial da década de 90 restringiam uma apropriação social mais ampla. Entretanto, com o amadurecimento das ferramentas de produção amadora e colaborativa – após a “bolha Nasdaq²¹” – um novo modelo de negócio emergiu: o valor da rede passou a ser dado pela quantidade de produção e colaboração que é capaz de agregar.

Criam-se, assim, novas condições para a comunicação um-um, um-muitos e muitos-muitos (Levy, 1996), uma vez que a internet instrumenta "o relacionamento, a criação de relações interpessoais, a produção de redes sociais e a formação de comunidades" (Jollivet, p.86). Inclusive, aí reside a força das redes sociais como observa Clay Shirky (2011): “A mesma ideia, publicada em dezenas ou centenas de lugares, pode ter um efeito amplificador que pesa mais do que o veredicto de um pequeno conjunto de mídias profissionais”. (p.67)

A internet entra na fase das redes sociais e sua lógica de liberação da produção dos sujeitos e do compartilhamento dessa produção. O YouTube, o Flickr, o Orkut, o Twitter e o Facebook são apenas algumas dessas redes que dominaram a Internet em meados dos anos 2000. E a popularização delas tornou possível que sujeitos como os indignados espanhóis fizessem da internet uma potente

19 Vale lembrar que na gênese da internet estão presentes: o Departamento de Defesa dos Estados Unidos, que projetou uma rede distribuída que pudesse tanto fomentar pesquisas, quanto servisse de mecanismo de defesa de informação; a universidade, que se apropriou da rede para potencializar a troca de conhecimento entre cientistas; e a contracultura computacional, que teve grande responsabilidade no desenvolvimento e popularização da internet, sendo dela o mérito da criação do modem, que possibilitou a ligação entre computadores via telefone.

20 Segundo Deleuze e Guattari, os princípios do rizoma são: 1) conexão – “qualquer ponto de um rizoma pode ser conectado a qualquer outro”; 2) heterogeneidade – os pontos são atravessados por linhas diversas; 3) multiplicidade – o rizoma é n-1, isso é, só existe com a multiplicidade; 4) ruptura a-significante – “um rizoma pode ser rompido, quebrado em qualquer lugar, e também retoma segundo uma ou outra de suas linhas”.

“máquina de expressão” (Lazzarato, 2006).

Em certa medida, a emergência das narrativas construídas colaborativamente por diversos sujeitos – como é o caso do #25S – é possível pelo fato de a internet ainda estar impregnada pelo projeto tecno-social que a constituiu. Ou seja, apesar das restrições impostas pela lógica do servidor, que limita a conexão, o usuário ainda participa das redes a partir das bordas e isso faz com que as narrativas se deem “sempre permeada de histórias paralelas, de idas e vindas, de agregações de sentido, de confrontos de personagens (perfis)” (ANTOUN & MALINI, 2012).

A inovação do #25S está em fazer dessa cooperação horizontal entre singularidades a oportunidade de fortalecimento do movimento na rede e nas ruas espanholas. Nesse sentido, ele é um exemplo do que, ainda antes de todas as transformações ocasionadas pela popularização das redes sociais, Howard Rheingold (2003) chamou de “multidões inteligentes”.

As multidões inteligentes estão formadas por pessoas capazes de atuar conjuntamente mesmo que não se conheçam. Os membros desses grupos cooperam de modos inconcebíveis em outras épocas porque utilizam sistemas informáticos e de telecomunicações muito novos que lhes permitem conectar-se com outros sistemas do entorno, assim como com outras pessoas. (RHEINGOLD, p.18)

Ao tratar das topologias de rede, Barabási (2005) atenta para o fato de que, em sociedade, nós formamos uma rede com nossas próprias ligações (*links*) e elas nos permitem certas atuações. Dessa forma, essas multidões inteligentes formam-se e são capazes de atuar devido à articulação entre os diversos sujeitos e suas diferentes capacidades. Nesse sentido, se no começo desta seção fizemos um paralelo entre o conceito de rizoma de Deleuze e a rede a-centrada que é a internet, nada mais justo do que cartografar o #25S para notar como se dá a articulação dos sujeitos na rede. Nosso objetivo com isso é não só compreender a rede que se formou durante as manifestações, como as particularidades dos seus componentes.

6. Análise da rede #25S e a tipologia dos seus perfis no Twitter

O fenômeno tecnopolítico das atuais manifestações globais deixa claro que a distinção entre o *on* e o *offline* é cada vez mais artificial, na medida que esses movimentos mostram que ruas e praças estão indissolúvelmente conectados com as redes sociais. Nesse sentido, há uma simbiose entre a política e a tecnologia que cria novas possibilidades de atuação nesses movimentos.

Durante os protestos ocorridos na Espanha, a produção de conteúdo é, geralmente, intensa. A rede social é bombardeada, principalmente, de opiniões a favor dos manifestantes e contra o governo e os policiais – o que não significa que esteja livre de controvérsias. A imensa rede #25S é formada por usuários comuns, sites jornalísticos, políticos, ativistas, perfis das manifestações, sindicatos, entre

vários outros tipos de contas que postavam inúmeros links que redirecionavam para notícias relacionadas à manifestação, fotos e vídeos que catalogavam os momentos mais importantes, sites que transmitiam em tempo real o que acontecia, etc.

Dentre os links mais compartilhados no Twitter, os que mostravam confrontos entre policiais e manifestantes eram usados principalmente para mostrar à rede a atitude do governo para com aquela população²². Além disso, a mobilização em torno da ideia de realização de uma “democracia real”, criava uma rede forte e muito conectada, possibilitando a disseminação de uma narrativa colaborativa sobre o acontecimento.

Graças à catalogação dos dados disponíveis no Twitter, foi possível capturar a maior parte do que foi escrito e compartilhado na rede com a *hashtag* #25S. Após a obtenção, foram gerados dois grandes dados para serem trabalhados no programa Gephi: o ATS, composto apenas pelas menções de um usuário para outro; e o RTS, que possuía apenas os *retweets* que um usuário havia dado na mensagem de outra conta. Na visualização dos grafos de cada uma das rede, percebeu-se que vários perfis estavam mais localizados na parte central do grafo e outros mais afastados. Isso se deve ao fato da informação presente no centro ser de contas extremamente conectadas ao evento, *tweetando* e *retweetando* todo tipo de mensagem que se referia ao #25S. Quanto mais afastados do centro, mais as contas possuíam menos interação com os perfis que mais interagiam na rede e com os temas mais debatidos por eles.

Os dados armazenados do ATS possibilitaram saber como era configurada a rede no caráter da divulgação de mensagens por meio da menção direta de uma conta a outras contas, a partir do uso do nome de usuário. Pelo fato de escrever um *tweet* ser um processo um pouco mais demorado do que apenas *retweetar* algo, já que envolve passar para o Twitter uma mensagem “inédita”, a rede contou com 8.344 nós que postaram ao longo do dia 25 de setembro 7701 *tweets*.

Já os dados da rede RTS tornaram clara a vontade das pessoas em compartilhar aquilo que era divulgado a todo momento sobre a manifestação, pois contou com 102.772 usuários ativos e 223.815 *retweets*. Os usuários estavam dispostos a compartilhar para suas timelines todo tipo de informação referente ao #25S, exibindo aos seus seguidores mensagens que continham dados que julgavam importantes.

Como forma de entender amplamente as duas reverberações de uma mesma rede, optamos pelo mesmo processo de análise e estruturação dos dados cartografados, partindo dos grafos criados pelo Gephi. Assim, construímos grafos que exibiam os perfis com maior autoridade e de maior *hub* da

²² Um *tweet* que exibiu muito bem o desfecho do confronto entre policiais e manifestantes foi criado por @pmiguelmartin e obteve 675 RTs: “*ATENCIÓN. Confirmación fatal. Los porrazos en el cuello dejan a un joven tetraplégico en este #25S. Fuentes del Samur me lo ratifican @policia*”.

rede, conflitando-os com perfis com maior centralidade de autovetor.

Para um perfil se tornar Autoridade, ele deve ser bem mencionado ou *retweetado* pelos outros perfis, independentemente do número de seguidores de ambos. Já para ele tornar-se um *Hub*, o perfil necessita mencionar ou *retweetar* importantes nós na rede, ou seja, o *hub* define-se pela qualidade de suas ligações e não apenas pela quantidade, ele depende do grau de influência do nó a que está ligado. Eles eram de extrema importância para a rede, pois agregavam informações importantes em suas contas sobre o movimento, tornando-se uma espécie de *gatekeepers* do #25S, já que mensuravam as informações que julgavam mais abrangentes e informativas.

Os usuários com maior Centralidade de Autovetor são aqueles perfis influentes que mencionam ou *retweetam* nós de alta importância na rede, reverberando as informações de um nó para outro mesmo que não diretamente ranqueados. Eles estão conectados com pessoas também bem conectadas e, por meio disso, uma informação pode ser criada em algum nó e de certa forma irá reverberar para os outros nós da rede. Como Autovetor vai sempre de uma conexão bem ranqueada pra uma outra um pouco menos ranqueada, a informação vai sendo passada dos maiores para os menores, podendo chegar a qualquer nó da rede.

Graças a essa dinâmica, os perfis Autovetores e Autoridades são praticamente os mesmos, mudando apenas a ordem de um para outro. Isso ocorre por que ambos os métodos de visualização da rede necessitam de perfis que se sobressaem, no caso, com um alto nível de autoridade onde tenham escrito mensagens julgadas de extrema importância pela rede. Esse tipo de comportamento ocorre tanto para a rede ATS, quanto para a rede RTS.

6.1 As controvérsias da rede ATS

Ao analisarmos a rede ATS dos perfis com maior Autoridade, percebemos como ela estava dividida entre os perfis contra o #25S (representados pelos nós ligados ao governo espanhol) e os perfis a favor do #25S (representados por pessoas e organizações que difundiam as informações da manifestação e/ou eram a favor do movimento).

A rede de menções estava fortemente interessada em debater as políticas utilizadas pelo governo espanhol e a atitude dos policiais para com os manifestantes, representados pelos quatro perfis de maior autoridade na rede: @marianorajoy (Governador atual da Espanha, com 137 menções), @ccifuentes (atual Delegada do Governo espanhol, com 121 menções), @policia (o perfil oficial da Polícia Federal da Espanha, com 110 menções) e @sanchezforner (atual Secretário geral do Sindicato Unificado de Polícia, com 58 menções), sendo que os perfis de maior centralidade de autovetor eram praticamente os mesmos que os de maior autoridade.

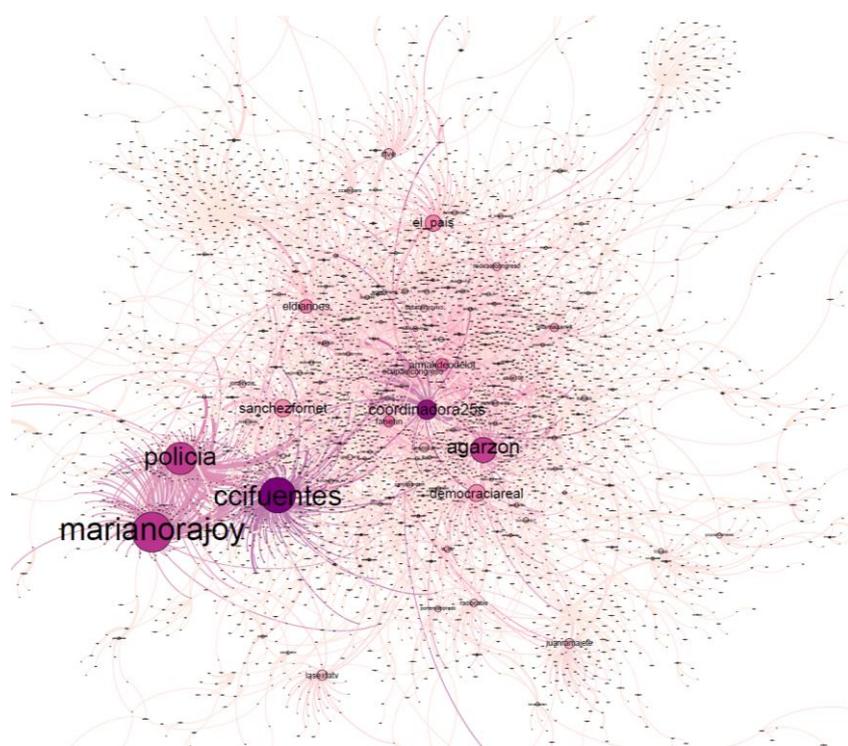


Imagem 1: Grafo ATS, onde o tamanho dos nós representa as Autoridades (dos maiores para os menores) e as cores representam os Autovetores (dos mais escuros para os mais claros).

As pessoas mencionavam esses perfis para mostrarem sua indignação, contestar notícias, alertar a rede para determinadas situações, postar informações, questionar o perfil, entre várias outros tipos de *tweets* utilizados. O usuário *@soydelbierzo* menciona a *@policia* para alertar seus seguidores sobre o objetivo da mesma em dificultar a manifestação: “*La @policia colapsa la columna de Plaza de España con el objetivo evidente de dificultar la marcha. #25s #Hoyes25S <http://t.co/HnmNanKV>*”. Já o usuário *@moedetriana* menciona *@marianorajoy* para dizer que o Governador não se importava com o que estava acontecendo nas ruas da Espanha, colocando em seu *tweet* uma carta aberta para Mariano: “*Sr. @marianorajoy: usted no tiene ni puta idea, ni de lo que es sufrir una crisis ni de lo que está pasando en la calle <http://t.co/kAhwnWMO>*”.

@marianorajoy e *@ccifuentes* eram mencionados por serem os principais responsáveis, do ponto de vista dos manifestantes, pela atitude dos policiais e por privarem a Espanha de uma melhor administração política. Chamavam eles de covardes e diziam ser mentira as informações passadas pelos perfis. Uma das menções para Mariano Rajoy mais compartilhada, foi enviada por *@manelmarquez* e recebeu 67 RTs: “*La BBC pide fotos y vídeos del #25S: yourpics@bbc.co.uk El mundo conocerá la represión policial d @marianorajoy #25SseMueve #S25*”, onde seu principal foco era exibir como a polícia do Governador estava tratando os manifestantes. Já o usuário *@TrisUlloa* conseguiu 68 RTs ao mencionar Cifuentes e também mostrar os efeitos dos policiais na manifestação: “*#25S @ccifuentes Hombre con lesión medular. Pero qué coño se han metido para sacudir así a*

Alguns dos perfis também já haviam se tornado perfis de autoridade, mas apenas poucos possuíam um grau de autovetor acima da média, como *@coordinadora25s* e *@democraciareal*. Os outros *hubs* eram de contas ativistas, que se importavam primordialmente com os valores da manifestação: *@alfredosold* (ativista, mencionou 57 vezes), *@antoniomaestre* (Jornalista, mencionou 3 vezes), *@ocupaelcongreso* (um dos perfis sobre o #25S, mencionou 1 vez) e *@kolontai1959* (ativista, mencionou 36 vezes). *@kolontai1959* (ativista, mencionou 36 vezes). Por meio da visualização da quantidade de vezes que esses perfis foram *retweetados*, percebeu-se que o script do Gephi não leva só em consideração a quantidade de vezes que a pessoa mencionou, mas principalmente também a qualidade do nó daquela pessoa. Por meio disso, alguém que mencionou apenas uma vez, mas bem mencionado ou *retweetado* por outros nós e possivelmente mencionou alguém importante, virou hub.

6.2 As controvérsias da rede RTS

Na análise da rede RTS de *retweets*, descobrimos a intenção das pessoas em compartilhar o conteúdo de outras contas. No caso dos perfis de maior Autoridade nesta visualização do #25S, entendemos que as pessoas queriam dar RT em todo assunto que ajudaria a manifestação a se localizar com o que estava ocorrendo, se mobilizar ainda mais, divulgar alertas importantes, entre outras mensagens dos perfis com maior gama de informações sobre o acontecimento.



Imagem 3: Grafo RTS, onde o tamanho dos nós representa as Autoridades (dos maiores para os menores) e as cores representam os Autovetores (dos mais escuros para os mais claros).

Graças a este fato, os usuários mais *retweetados* foram meios de comunicação que noticiavam sobre o evento (*@eldiarios*, com 5839 RTs e *@el_pais*, com 3329 RTs), perfis oficiais da manifestação (*@democraciareal* com 5895 RTs, *@ocupaelcongreso* com 2173 RTs e *@rodeaelcongreso* com

7. Considerações finais: o poder da inteligência compartilhada

A força do movimento espanhol deve-se bastante ao fato de ele ter se constituído como um movimento tecnopolítico. A capacidade demonstrada de construir dispositivos que trafegam entre a rua e a rede torna o movimento potente em ambos os espaços e tem ajudado na mobilização da sociedade espanhola. Esse uso tático das novas tecnologias de comunicação e da internet permitem que o movimento elabore uma consciência de rede.

De certa forma, a visualização do #25S no Twitter nos revela isso. Apesar de ser apenas uma parte de toda a rede do movimento, que é constituída também por blogs, sites, perfis no Facebook, etc., a configuração dessa rede mostra um pouco como é a atuação coletiva dos diversos sujeitos. A narrativa colaborativa construída pela *hashtag* é também um dos mecanismos do movimentos usados para aproveitar uma parte de sua inteligência coletiva.

Essa “inteligência distribuída por toda parte, incessantemente valorizada, coordenada em tempo real, que resulta em mobilização efetiva das competências” (Levy, 1998, p.28), pode ser vista no Twitter por meio do espalhamento de fotos, vídeos e relatos em texto sobre o que acontece nas praças. Aliás, o uso das competência singulares de seus componentes é o que faz da rede um espaço não só para a difusão de informação, mas para a orientação do movimento.

A cartografia da rede #25S mostra, em certa medida, esse processo. As diferentes posições assumidas pelos sujeitos na rede, significa que os mesmos cumprem papéis distintos na rede. Dito de outro modo, ao organizar-se como rede distribuída e se utilizar de uma rede distribuída como instrumento, esse movimento possibilita uma participação generalizada dos sujeitos na realização dos protestos. Para entendermos isso, vale retomarmos um trecho de Lazzarato (2006):

[...] o indivíduo, com seu computador, é uma mônada aberta que se comunica a distância com outras mônadas, todas inseridas em uma rede não hierárquica e descentrada. [...] Todas as mônadas têm em graus diferentes, sua própria capacidade de agenciamento, de apreensão, de captura de outras mônadas, ou seja, de constituição de redes. (p.180)

Para além de buscarmos encontrar os atores centrais da rede analisada, tentamos visualizar o funcionamento dessa “hierarquia” entre os nós. Parece-nos que no processo de formação de uma rede a concentração de articulações é importante, mas não explica a força da mesma, pois é a ativação das singularidades dos nós que torna possível que o movimento se espalhe. Não é por menos que o ativista, intelectual e integrante da plataforma Democracia Real Ya!, Javier Toret, refere-se ao #15M como um movimento “tecnopolítico das multidões inteligentes”.



8. Referência Bibliográficas

ANTOUN, Henrique & MALINI, Fábio. **Monitoramento, vazamento e anonimato nas revoluções democráticas nas redes sociais da Internet.** Revista Fronteiras. Rio Grande do Sul: Unisinos, maio/agosto 2012, p. 68-76.

BARABÁSI, Albert-Laszlo. **Linked.** São Paulo: Hemus, 2005

BAWENS, Michel. **A Economia Política da Produção entre Pares.** P2P foundation. Disponível http://p2pfoundation.net/A_Economia_Pol%C3%ADtica_Da_Produ%C3%A7%C3%A3o_Entre_Pares%22 (Acessado em 16 de maio de 2013)

CANCIAN, Allan & MALINI, Fábio. **#SpanishRevolution: internet e narrativa das lutas sociais no Twitter.** Anais do XXXIV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação. Recife: Intercom, 2011

LAZZARATO, Maurizio. **As Revoluções do Capitalismo.** Rio de Janeiro: Record, 2006

HARDT, Michael & NEGRI, Antonio. **Império.** Rio de Janeiro: Record, 2006

LEVY, Pierre. **Inteligência Coletiva.** São Paulo: Loyola, 1998

NEGRI, Antonio. **5 Lições Sobre o Império.** Rio de Janeiro: DP&A, 2003

RHEINGOLD, Howard. **Multitudes Inteligentes.** Barcelona: Gedisa, 2004

SHIRKY, Clay. **A Cultura da Participação.** Rio de Janeiro: Zahar, 2011

SODRÉ, Muniz. **A Narração do Fato.** Petrópolis, RJ: Vozes, 2009